

## Prólogo

*O crepúsculo resplandecente coroou a tarde do Dia de Todos os Santos. A nave central da Abadia de Glastonbury estava escura e tão sombria quanto o semblante do novo bispo, Dubricius, que emergiu das trevas da igreja. Ele estava prestes a sair pela porta lateral quando uma música chamou sua atenção. Não saberia precisar de onde vinha, mas as vozes eram mais bonitas do que qualquer coro que ele já tivesse ouvido. A ária invadiu toda a igreja como se fosse o som suave de sussurros ao vento, espalhando o perfume de flor da macieira.*

*Dubricius observou que luzes tremeluzentes surgiam do vestibulo e se tornavam aos poucos mais fortes, até que dois meninos apareceram, segurando velas compridas. Um homem vinha à frente dos dois, carregando uma lança, seguido por uma menina de cabelos castanhos que segurava uma bandeja. Não se permitiam armas dentro da igreja, tanto que o jovem bispo começou a gritar e parou em seguida, boquiaberto.*

*A moça de cabelos dourados que vinha ao final da pequena procissão trazia um cálice que reluzia em tons de ouro e prata. Aos poucos a mulher tornou-se apenas uma silhueta por trás da forte luz que iluminou a igreja inteira. O bispo gemeu e cobriu o rosto, pois a luminosidade quase o cegou.*

*Até que, de repente, a claridade se extinguiu. Quando ele baixou as mãos, a nave estava deserta, iluminada apenas pelo luar que se infiltrava pelos vãos das janelas.*

A história é tão antiga quanto eu. Sou eu que carrego o cálice na procissão eterna em direção ao Iluminismo. Meu nome é Astrala, e sou a virgem que jurou proteger o que os cristãos chamam de Santo Graal. Acho estranho que eles aceitem os presentes da deusa, embora evitem seus caminhos. Na noite do Samhain, uma noite depois de Dubricius ter se tornado bispo, nós o assustamos, quando nossa intenção era a paz. Entretanto, na época em que os romanos tomaram a igreja, muitas das intenções de Cristo foram desnudadas. Até a Procissão se tornou falsa. Eles se enganaram ao confundir a lança mágica de Lugh com aquela que o centurião romano, Longinus, perfurou o corpo de Cristo durante a crucificação. A bandeja não colhia o sangue causado pela lança, como todos acreditavam; na verdade, nem era uma bandeja, mas sim uma pedra plana do destino chamada *Lia Fail* que moveria a Roda da Fortuna para Camelot. As bênçãos de Belenos conferiram às velas a força de labaredas, cujo fogo que forjaria a espada de Nuada, conhecida por lady Nimue como Caladfwlch, e

como Excalibur pelo rei Arthur.

Dagda trouxe o Graal para nós quando escapou com sucesso de Arawen, o deus do outro mundo. O cálice de fato traz abundância, os dignos de graça realizarão os desejos de seus corações.

E é aqui que essa história começa. A Deusa Mãe emprestou o cálice ao filho do carpinteiro, um jovem druida chamado Jesus, quando este terminou seu treinamento com os mais sábios, na Ilha dos Poderosos... Mas isso é outra história.

José de Arimateia trouxe o cálice de volta para a Ilha depois que Cristo foi brutalmente crucificado. Permitiu que surgissem boatos de que Madalena tinha levado o cálice quando fugiu para a Gália. José pretendia devolver o Graal para as Sacerdotisas Pagãs, mas seu filho, Josephé, não confiou nelas. Apesar de fazer tão pouco tempo que Jesus havia morrido, sua mensagem já estava sendo distorcida.

Josephé então deu o Graal para o amigo de seu pai, Nascien, que levou o cálice para o Norte. Claro que a Deusa Mãe poderia tê-lo impedido, mas Nascien era uma grande alma, por isso ela achou por bem deixar o Graal no mundo por mais tempo.

O destino é uma coisa interessante. Gerações se passaram ao longo dos séculos, e os descendentes da filha de Joseph podem ter gerado Pelles de Carbonek, pai de Elaine, uma jovem intrigante. Infelizmente Pelles fez mau uso do Graal, e eu tirei a peça do mundo. Enquanto isso, da linhagem dos filhos de Joseph nasceu o rei Lancelot I, avô do homem que se casaria com Elaine... embora não fosse essa sua escolha... e geraria Galahad.

Galahad... que Deus abençoe e tenha misericórdia desta criança... lutou muito durante a infância. Separado do pai ainda menino, a mãe encheu sua cabeça com as histórias cruéis sobre a deserção de Lancelot e a devoção à rainha Gwen. Galahad possuía uma alma antiga que tivera a visão do Graal muito cedo, e esta o encheu de paz e contentamento enquanto sua mãe se enfurecia. Quando Galahad completou oito anos de idade, encontrou-se com o pai e transformou-se em um grande guerreiro, o braço direito de Arthur. A sensação de paz advinda de suas visões ajudou-o a completar o rigoroso treinamento de soldado, que nunca foi de sua vontade, mas que ele precisou enfrentar.

O primo de Galahad, também da linhagem Nascien, partilhava do sonho do Graal. Peredur foi criado com inocência, da mesma forma que Galahad cresceu em meio a um turbilhão. A Dama da Floresta o ensinou a ser fiel à sua natureza. Se ele, como acontecia às vezes, cometesse um erro tolo enquanto esperava a bondade... Muitos acreditam que Galahad era tolo e ingênuo, mas ele almejava que todos experimentassem a boa vontade que a visão do Graal proporcionava. Nossa Dama não o contestava. Foi então que devolvi o Graal para a Humanidade.

Existem buscas diferentes daquelas que Galahad e Peredur seguiam.

Expedições em busca do amor, nas quais uma pessoa arriscaria a vida para estar ao lado de sua alma gêmea. Um homem teria que se aventurar pelas terras das Fadas, para onde nem as sacerdotisas de Avalon vão, e resistir às ilusões tentadoras de Morgan Le Fey, rainha das fadas. Esse homem teria de desafiar Cernunnos, o semideus, Rei da Caça Selvagem, e destruir uma amizade de uma vida inteira. Mas... o amor ilumina os passos de um homem.

*E assim começa essa expedição, com Lancelot, o príncipe pagão da senhora do Lago Negro de Brocéliande.*

# Capítulo I

## *As Consequências*

Cansado, Lancelot afastou o cabelo da testa com a mão. Seu grupo, também esgotado, trabalhava sem esmorecer na noite seguinte à grande batalha de Camelyn. Seus corpos se ressentiam da exaustão, tanto que sentiam os pés mais pesados a cada passo na estrada. Mas não havia tempo de parar.

Arthur estava morrendo.

A primeira claridade da manhã surgia no horizonte quando eles finalmente alcançaram o Lago. A barca os aguardava, o remador encapuzado já em posição.

— Bedwyr? — Arthur levantou a mão, embora estivesse muito fraco por ter perdido muito sangue. — Eu nomeei Custennin como meu sucessor. Você precisa ajudá-lo a manter o conceito de Camelot vivo. Mande Galahad e Peredur em busca do Graal.

— Shh, Arthur. — Nimue passou a mão pelos cabelos do rei, dourados pelo sol. — Poupe suas forças.

— O Graal... o cálice do perdão. — Arthur respirou fundo com dificuldade. — Se conseguirmos nos reunir com os saxões para conversar... — ele murmurou, a despeito da dor do ferimento — ...não há mais necessidade de guerra. — Em seguida chamou Lancelot e Gwen para se aproximarem e ouvir o que tinha a dizer em um sussurro: — Ela é sua agora, Lance.

— Meu amigo... — Lancelot cobriu a mão de Arthur com a sua. — Iremos para Joyous Garde e criaremos minha filha juntos.

— A criança que ela sempre quis. — Arthur esboçou um sorriso.

As lágrimas se represaram nos olhos claros de Gwen, que não se preocupou em contê-las. Arthur se virou, esforçando-se para esticar a mão e acariciar os cabelos castanhos da esposa.

— Você está chorando. Isso quer dizer que não me ama?

— Nunca deixei de amá-lo — disse ela, soluçando. — Minha maldição sempre foi amar você e Lancelot.

Nimue tocou no braço de Gwen.

— Você se lembra de quando eu disse, há muito tempo, que seria preciso fazer uma escolha? E que a vida de Arthur dependeria disso?

— Sim. — Gwen encarou a Dama do Lago.

— Chegou a hora. É preciso que venha conosco. No dia em que consagramos minha filha e de Arthur pelo círculo de pedras, ambas assumimos a responsabilidade pelo casamento do rei com sua terra. Repito que precisamos

combinar nossas forças para salvar o rei. — Nimue fez uma pausa, relanceando o olhar para Lancelot e voltando para Gwen. — Você precisa nos acompanhar na travessia pelas terras das Fadas para Avalon.

Será que Nimue tinha enlouquecido?, Lancelot pensou. Ou ele? Aquilo não era para estar acontecendo. Gwen era sua agora. Arthur a tinha liberado.

— Gwen não está preparada para voltar. Ela não possui o sangue de fada.

— Isso é verdade? — perguntou Gwen, com o rosto pálido.

— Talvez — respondeu Nimue. — Aqueles de nós que possuem o Sangue Antigo podem entrar na terra das Fadas por pouco tempo para atravessar o portal. É verdade que nenhum humano passou por ali duas vezes. O nascimento de Arthur foi lavrado pela magia de Myrddin, sendo assim ele pode trazer Arthur de volta. Farei o que for possível.

— Myrddin? — Gwen estranhou. — Mas ele está morto há anos!

— Morto, não, está adormecido em Avalon. — Nimue sinalizou para a figura encapuzada no leme da barça. — Olhe.

Gwen e Lancelot viraram a cabeça bem devagar. Mesmo antes de o arquidruída baixar o capuz, revelando os cabelos claros, seus olhos amarelos estavam fixos em Gwen. Ao lado dele, um laivo de luz foi se tornando mais forte e adquirindo a forma de uma mulher. Ela flutuou sobre a água, o vestido de trama suave e os cabelos longos esvoaçando iluminados pela magia das fadas.

Lancelot balançou a cabeça. Apesar de sua mãe ser uma sacerdotisa e de ele ter nascido do Grande Rito, o que lhe conferia sangue de feiticeiro, nunca tinha visto uma fada.

— Não existem fadas — sussurrou Gwen.

A aparição olhou para ambos com um ligeiro sorriso nos lábios.

— Existimos, sim, eu asseguro. Sou Morgan Le Fey, rainha das fadas. Vocês precisam passar pelas minhas terras. — A fada piscou para Lancelot e gesticulou para que colocassem Arthur, quase inconsciente, no barco, em seu colo. — Você é muito bonito e não deve morrer.

— O que acontecerá comigo se eu não voltar? — Gwen perguntou a Nimue.

— Não sei dizer — respondeu Nimue —, mas Avalon é um lugar de paz.

— Você está pedindo que ela desista da vida! — Lancelot sentiu o sangue subir à cabeça. — Não a deixarei partir.

— Se ela ficar, Arthur morrerá. Camelot irá desaparecer. Todo o trabalho dele será perdido — declarou Nimue. — Não posso fazer isso sozinha, preciso dela. — Ela olhou preocupada para Morgan e Arthur, para em seguida voltar para Gwen. — Não temos muito tempo, Gwen. Faça a sua escolha.

*Não me deixe, Gwen. Não agora, quando temos uma segunda chance à felicidade. Você já cumpriu com sua obrigação. Isso era tudo que Arthur podia esperar...*

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, Gwen virou-se para ele:

— Meu coração pertence a você, Lancelot. Sempre foi seu. Se ao menos eu pudesse voltar no tempo... — Ela olhou para os olhos acinzentados de Arthur e respirou fundo. — Eu te amo, mas não posso permitir que tudo o que Arthur construiu se perca. Ele precisa ser curado. O futuro da Bretanha é mais importante do que nós dois. — Com essas palavras, Gwen o beijou rapidamente e entrou na barca.

— Não vá, Gwen — Lancelot suplicou, enquanto Myrddin remava para longe.

Foi quando ouviu um tilintar e as fadas rindo.

Morgan. Ao que tudo indicava, ela tinha criado uma ilusão que ele pensou que fosse real. Gwen deveria estar de pé no barranco a seu lado. Na capela junto a Lancelot, ela havia concordado em se casar. Ainda assim estava sozinho, a amada sendo transportada para a Terra das Fadas. A Terra de Onde Ninguém Volta.

A eterna neblina engolfou a barcaça, envolvendo-a com um manto grosso e cinza, conforme ia em direção à Ilha. Ainda assim, Gwen se virou para trás e gritou:

— Você tem sangue de feiticeiro, Lancelot! Descubra uma maneira de me trazer de volta!

*Não permitirei que se perca de mim.*

Lancelot certificou-se de que sua voz fosse transmitida pela água, quando levantou o pulso.

— Juro que encontrarei um jeito, Gwen.

Três luas haviam se passado desde aquele dia fatídico. Lancelot estava inquieto. Sentou-se à Távola Redonda em Camelot, ouvindo mais uma discussão. Por Mitra, como Arthur conseguia fazer com que aquele grupo de militares arrogantes entrasse em um acordo?

Lancelot observou quando, frustrado, Custennin bateu a caneca de vinho sobre a mesa, esparramando o rico líquido vermelho sobre a toalha.

— Estou dizendo que é apenas uma questão de tempo antes que Cerdic avance. Ele espera apenas para ter a confirmação se Arthur está morto de fato.

Os homens se sentaram quietos. Todos os olhares se dirigiram para Custennin, mas foi Bedwyr quem respondeu:

— Ele está vivo.

Os outros homens trocaram olhares. Muitos deles eram filhos de Cymbry, que tinham lutado ao lado de Arthur na batalha de Camelyn. Lancelot ficou feliz por Bedwyr ter respondido. Talvez eles acreditassem nele por ser irmão de Gwen. Ninguém dera crédito a Lancelot quando de sua insistência de que Arthur tinha sido levado para a Ilha Sagrada de Avalon. Ele bem sabia que o olhavam

de esguelha quando dizia que Gwen tinha ido para a terra das fadas. Alguns disseram a ele que era comum que as rainhas se retirassem em um convento quando perdiam seus maridos. Para Lancelot, a história era outra.

— Por que ninguém se expressou? — perguntou Ryon, filho de Kai.

— A Dama também não foi vista — interrompeu o príncipe de Gwynedd. — Segundo meu pai, temos de nos preocupar em defender nossas terras, ainda mais quando não se sabe para onde foram Medraut e Morgana.

— Seu pai ficou conhecido por se preocupar primeiro com ele mesmo — interrompeu o poderoso rei de Powys.

O rosto do jovem príncipe ruborizou, mas antes que ele pudesse falar, Custennin o interrompeu com os olhos flamejantes:

— Não estamos em tempos de brigas. A primavera está para chegar. Precisamos planejar nossa estratégia para manter os saxões sob controle, com ou sem Arthur. — Ele olhou para os guerreiros do Norte, sentados à mesa. — Mesmo se Cerdic aguardar, ainda temos os jovens de sangue quente: o filho de Aesc, Eormenic, e o de Aelle, Cissa. Se o Sul for invadido...

— Não podemos esquecer os bárbaros do Norte também — lembrou Keidyaw, cujo reinado ficava além da Muralha, perto do Joyous Garde de Lancelot — Nossas fronteiras devem ser defendidas, tanto quanto as suas, Custennin.

Lancelot suspirou e afastou uma mecha de cabelo da testa. Os reis do Norte não tinham se reunido antes que fosse tarde demais. Ele sabia que Custennin poderia depender dos homens do sudoeste de Kernow, ele os estava liderando desde que Marc abandonara o comando para passar mais tempo com sua jovem esposa, Isolda. Pena que Tristan não estivesse ali para ajudar, pois ele tinha a virtude da diplomacia que faltava em Custennin. Mas Tristan e Isolda estavam perdidamente apaixonados. Marc quase o matara, e agora ele vivia no exílio do outro lado do oceano, em Leon.

— Não quis dizer o contrário. — Custennin estava com aspecto cansado. — Eu bem sei das ambições saxônicas de Ida ao norte da Muralha. Mas no momento, Cerdic representa a maior ameaça. Ele não perdeu homens em Cam's Landing.

— Cerdic deixou a luta para os sanguinários e tirou vantagem da batalha de Camelyn para seguir para Londinium, mas sempre foi a favor das negociações. — Bedwyr assentiu com um sinal de cabeça.

— Isso aconteceu porque Arthur manteve seu filho, Cynric, como refém — contrapôs um dos jovens combatentes. — Meu pai diz que o rei nunca deveria tê-lo libertado.

— Cynric salvou a vida da rainha. — Lancelot se inclinou para a frente.

— E se bem me recordo, a sua também — observou Keidyaw.

Por Mitra, será que ele queria brigar?, pensou Lancelot antes de indagar:

— O que quer dizer com isso?

— Senhores, vamos deixar o passado para trás — Custennin interveio mais uma vez. — Temos poucos homens, não podemos nos dar o luxo de lutar entre nós. Precisamos estar preparados para o caso de Arthur não voltar. — E levantou a mão, impedindo que Lancelot protestasse.

— Por que ninguém soube de alguma notícia? — o filho de Gwalchmai, Guinglain, questionou. — Nimue podia nos dizer que Arthur sobreviverá ou não. — E virando-se para Lancelot, acrescentou: — A Senhora do Lago é sua prima, você não pode falar com ela?

— Eu bem que tentei, acreditem... — Lancelot deu um sorriso torto.

*Se ao menos eles soubessem o quanto eu tentei...*

Já era tarde, e Lancelot estava cansado quando tirou as botas e se deitou na cama dos aposentos dos oficiais. Tinha passado o dia em discussões e não tinha chegado a acordo nenhum.

Ao fechar os olhos, a imagem de Gwen lhe veio à mente. Lá estava ela, selvagem e gloriosa, com os cabelos castanho-claros emoldurando o rosto de beleza singular de maxilar alto e olhos verdes e sedutores, da cor das florestas sombreadas. Vislumbrou-a com as roupas favoritas, botas de pele de veado, calças compridas e uma camisa de homem de tamanho grande, pronta para galopar pelos prados em sua companhia. Um passeio que tinham feito centenas de vezes. Sonhou que a enlaçava pela cintura e a beijava com paixão, perdendo-se na maciez e docilidade daqueles lábios carnudos. Por um segundo, Lancelot achou que a estivesse sentindo corresponder ao carinho, exigindo muito mais do que um simples beijo.

De repente ele abriu os olhos e se sentou. A sensação tinha sido tão real que ele podia jurar que ela estivera ali. Balançou a cabeça. Talvez estivesse ficando louco, pensou, olhando em volta; nada havia mudado, porém. A espada estava dentro da bainha de couro, encostada à mesa ao lado da cama, e a adaga embaixo do travesseiro.

Lancelot calçou as botas, pegou a adaga e saiu do quarto. Estava tudo quieto, os guardas andando em silêncio pela muralha. Ele subiu as escadas e se apoiou em uma das frestas da amurada, lembrando-se da primeira vez que levava Gwen até ali. Tinha sido na noite da coroação de Arthur, e ele e Myrddin tinham ido até o círculo de pedras para que se desse o Grande Rito do casamento da terra com Nimue, que na época era uma sacerdotisa. Gwen tinha acabado de se casar e estava aborrecida. Ela e Lancelot haviam conversado bastante.

Fora sempre muito fácil conversar com ela, mesmo tempos antes, quando ele fora a Cameliard para escoltá-la de volta a Camelot. E tinha sido naquela noite que acontecera o primeiro beijo. Algo que não deveria ter acontecido. Fora um beijo rápido, mas intenso o suficiente para dar a ele a certeza de ter de partir.

Quantas vezes ele havia pensado em partir na tentativa de esquecê-la? E lembrar que já tinha navegado por mares estreitos, transportando cavalos, viajara pelo país saxão para vingar um estupro que ela teria sofrido, depois avançou para Joyous Garde, atravessando a Muralha em segurança, tudo em vão.

Quando ele a via de novo, seu coração se encantava. Arthur sabia desse amor antes mesmo de ter começado, havia mais de vinte e cinco anos. A aceitação desse sentimento fazia parte da grandiosidade do rei, que nunca culpou nenhum dos dois pela paixão que sentiam. Mesmo já no final de vida, antes de perder a consciência, Arthur a presenteara para Lancelot.

Lancelot deu um soco na parede. Agora ela estava em Avalon, naquela terra entre dois mundos, com Nimue e Arthur. Deveria ter encontrado um meio de manter contato. Já tinha ido até o lago e discutido com Barinthus, o remador, na esperança de ser transportado até a Ilha. Mas o homem não se movera até que as brumas trouxessem a mensagem sussurrada da sacerdotisa Argante:

*Deixe-o vir.*

*Argante o encontrou à margem do lago. Ela era filha de Nimue e Arthur, miúda, com cabelos prateados como os da mãe e os olhos acinzentados do pai. Já se sabia que seus poderes e curas ultrapassavam os de Nimue. Sem dizer nada, ela o chamou para acompanhá-la pelo caminho em espiral do labirinto que conduzia até o alto do Tor.*

*Um círculo de pedras postava-se como sentinela no cimo da montanha. Ela gesticulou e disse:*

*— O portal de Avalon fica dentro do círculo. Não posso abri-lo, você terá de encontrar a entrada sozinho.*

*Quando Lancelot avançou, ela estendeu o braço para impedi-lo.*

*— Deixe suas armas aqui. Não atravesse com raiva. A Deusa irá decidir se autoriza sua entrada.*

*Lancelot ficou no meio do círculo até o sol se pôr; rezando para a Grande Deusa. Durante as longas horas em que souou, gritou e implorou, nada aconteceu. Até que finalmente Argante apareceu.*

*— Ainda não é hora, Lancelot. Talvez minha mãe e a rainha estejam usando todas as energias para curar o rei.*

*— Você ainda não teve uma visão, nem recebeu um recado? — Lancelot olhou para cima de onde estava, ajoelhado perto de um altar de pedra.*

*Ela balançou a cabeça.*

*— Avalon está cercada pela Magia. Ali o tempo corre de um jeito diferente. Até uma mensagem pode demorar muito para completar a travessia.*

*— Ou pode não chegar nunca. — Lancelot se levantou e respirou fundo na tentativa de parar de tremer.*

*A sacerdotisa inclinou a cabeça em resposta.*

*— Está tudo bem, senhor? — A pergunta da sentinela trouxe Lancelot de*

volta ao presente.

— Sim — respondeu ele, olhando para a lua.

*Deusa Mãe, permita-me encontrar uma maneira de ajudar Gwen a voltar.*

— Por que não vem conosco, pai? — Galahad perguntou pela segunda vez, dias depois, enquanto terminava de dobrar suas roupas e colocá-las na bolsa.

Lancelot relanceou os olhos para a cruz de ouro, pendurada em uma corrente no pescoço de seu filho de dez anos de idade.

— Minha tarefa não é procurar o Graal — respondeu, encarando os olhos azuis de Galahad, iguais aos da mãe. — Se é que ele existe.

— Cristo o usou na Última Ceia — argumentou Galahad, determinado e erguendo o queixo.

*Pelos fogos de Beltane, será que vamos brigar de novo?*

— Hum. O seu Cristo não era um homem pobre? Filho de um carpinteiro? Você acha que esse cálice tem algum valor?

— Tem poder. — Teimoso, Galahad afastou uma mecha de cabelo rebelde da testa.

— Pensei que não acreditasse em magia. — Lancelot ergueu uma sobrancelha.

— Não é isso, papai. Estou falando em paz, contentamento... O Graal é o cálice do perdão. Se inimigos tomarem desse cálice, não brigarão mais. Não haverá mais necessidade de derramamento de sangue.

— Perdão? — Lancelot perguntou com amargura. — Perdemos mais de três mil homens na batalha de Camelyn, por exemplo, Gwalchmai e Kai, os confiáveis capitães de Arthur. Tudo porque o bastardo, Medraut, provocou os saxões. Eles não merecem o perdão.

— Deus salvará todos os homens, que chegarão ao conhecimento da Verdade — Galahad citou a Bíblia.

*Como é que eu pude ter um filho tão devoto?*

Lancelot reprimiu a vontade de responder.

— Sou pagão como o senhor, milorde, mas nos meus sonhos senti uma felicidade tão imensa que tive vontade de compartilhar com o mundo todo — disse Peredur, levantando os olhos escuros e encolhendo os ombros. — O cálice é antigo. Se Cristo o usou, talvez tenha perdoado aquele que o traiu.

— Judas. Eu não sabia que você conhecia o Evangelho, Peredur.

— A rainha Gwen me ensinou — Peredur contou a Lancelot. — É verdade. No meu sonho, a virgem me entregou o Graal cheia de amor.

— Amor, Peredur? — Lancelot sorriu de lado. — Volte a encontrá-la e case-se com ela.

— Tenho esperança de encontrá-la um dia. — Peredur ficou vermelho.

— Por *certes*, não vou me casar nunca! — Galahad exclamou. — Parece que